

AS NOVAS TECNOLOGIAS E O ESTABELECIMENTO DE UMA NOVA ORDEM DE COMUNICAÇÃO EM SALA DE AULA

THE NEW TECHNOLOGIES AND THE ESTABLISHMENT OF A NEW COMMUNICATION ORDER IN THE CLASSROOM

Vanessa Doumid Damasceno¹
Letícia Fonseca Richthofen Freitas²

RESUMO: O objetivo deste artigo é discutir como as novas tecnologias são vistas por um grupo de alunos. Foram analisados discursos de um grupo de alunos da Educação Básica, da última série do Ensino Médio, de uma escola da rede particular de Pelotas/RS. O estudo aponta para o fato de os participantes almejavem uma escola que considere novos meios de aprendizagem, e isso significa envolver o aluno no processo de ensino e de aprendizagem das TIC.

Palavras-chave: Ensino; aprendizagem; narrativas de alunos; novas tecnologias.

ABSTRACT: The main purpose of this article is to discuss how new technologies are seen by a group of students. We analyzed the speeches of a group of last-year high school students from a private school in the city of Pelotas - RS. The study shows that participants seek a school that considers new ways of learning, and this means engaging the student in the teaching and learning process of information and communication technologies.

Keywords: Teaching; learning; student narratives; new technologies.

Todavia, surge aqui um choque digno de nota: justamente essas crianças e adolescentes, que nasceram no novo ambiente, têm de se submeter todos os dias ao contato mais ou menos violento com os envelhecidos rigores escolares. (SIBILIA, 2012, p. 51)

Iniciamos este artigo inspirando-nos no excerto de Sibilía, que traz à tona justamente uma inquietação cada vez mais comum e presente no cotidiano de educadores e professores no ambiente da escola: o choque entre uma geração de alunos que nasceu em um ambiente digital com “os envelhecidos rigores escolares”. A autora trata justamente dessa contradição que parece

¹ Doutora em Letras – área de Linguística Aplicada - pela Universidade Católica de Pelotas - UCPEL. Professora Adjunta do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas – UFPel.

² Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Estágios de Pós-Doutorado em Educação (2008 e 2009) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS e em Linguística Aplicada (2015) na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Professora Associada do Centro de Letras e Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas.

existir entre uma instituição eminentemente moderna, criada, segundo Foucault (1987), para produzir “corpos dóceis”, e uma geração cujas subjetividades e cujos corpos não se submetem mais a tal padrão.

Longe de aderir a discursos apocalípticos, que execram as novas tecnologias e os alunos que delas fazem uso e que também a partir delas constituem suas subjetividades, e a discursos laudatórios, que veem no uso das tecnologias de informação e comunicação (TIC) a salvação para o ensino, nosso objetivo aqui é discutir de que maneira as novas tecnologias são vistas pelos alunos e como elas podem constituir uma nova ordem de comunicação em sala de aula (RAMPTON, 2006), que possibilite maneiras de ensinar e de aprender mais horizontais, que levem em conta as demandas de alunos e de alunas. A fim de alcançar tal objetivo, analisaremos e interpretaremos as narrativas de um grupo de dez alunos da Educação Básica, da última série do Ensino Médio, de uma escola da rede particular do município de Pelotas/RS, quando convidados, a partir de um grupo focal, a se posicionarem sobre a presença das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) na sala de aula e no seu aprendizado. Entendemos, com Josso (2010), a importância de se considerar a formação “do ponto de vista do aprendente”, e, com isso, pretendemos contribuir com outras formas de pensar a prática docente.

O estudo constitui uma pesquisa de base qualitativa, em função de ser essa a metodologia que se identifica mais com problemas sociais, experiências humanas e suas interpretações. Outra razão para essa escolha é que essa abordagem valoriza as pessoas, as suas vozes, ao invés de tratá-las como objetos (BAUER; GASKELL, 2002). A pesquisa qualitativa é situada, e tenta apreender a realidade complexa e as várias vozes que constituem o mundo social. São as vozes dos alunos que constituem o mundo complexo da sala de aula que pretendemos apreender neste estudo.

1 A presença das Tecnologias da Informação e Comunicação no processo de ensino aprendizagem dos alunos

Desde meados da década de 80, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) têm aumentado sua presença na sala de aula, no nosso país - em escolas públicas, por meio de políticas como colocação de TIC nas escolas e formação de professores; em escolas particulares, por intermédio de empresas que fornecem serviços e mantêm portais educacionais.

A formação dos alunos, tanto no ensino básico como no superior, é pautada de acordo com o momento histórico no qual estão inseridos. A sociedade na qual vivemos está direcionada para a era digital. Isso exige, muitas vezes, a utilização dos recursos de informática na rotina das escolas, em função, também, de que a cultura que vale é a cultura do hoje (MORIN, 2009), que se refere ao acesso ilimitado às tecnologias que os alunos utilizam tanto fora como dentro da escola.

O avanço tecnológico e a maior disponibilidade de ferramentas de comunicação na internet, bem como a ampliação do acesso a computadores e à rede trouxeram outras possibilidades para o contexto educacional. Em função disso, o papel dos professores e dos alunos sofreu e sofre transformações, visto que estão inseridos no cenário da escola do século XXI, que é rodeada de tecnologias digitais³, em que os aprendizes prestam atenção em tudo e

³ A tecnologia digital surgiu com o advento da informática que, através de software e de hardware, realizou uma transformação nas décadas de 60 e 70, chegando a ser denominada como a Era da Informação (CASTELLS, 2003).

em nada ao mesmo tempo. Por isso, práticas docentes calcadas em modelos tradicionais com ênfase na construção de informação e conhecimento devem ser repensadas.

Novos conceitos de ensinar e de aprender surgem em função da disseminação da informática, e isso acarreta uma mudança de paradigmas⁴ no contexto educacional. As novas tecnologias⁵ (NT) em educação colaboram de maneira significativa para tornar o processo de aprendizagem mais eficiente. O computador interligado à internet é o equipamento tecnológico mais eficiente, como aborda Moran (2010). Para o autor, com a internet podemos modificar facilmente a forma de ensinar. O uso do computador aliado à internet possibilita a criação de espaços de pesquisa, e também auxilia o professor no sentido de favorecer a criação de novos ambientes de aprendizagem para o trabalho pedagógico em sala de aula.

Pensar a escola também é refletir sobre os sujeitos que a ela pertencem, sejam professores ou alunos. O ambiente escolar representa um ciclo, no qual está presente a realidade do educando, que deve ser aproveitada para que a escola possa assim fazer sentido na sua vivência. O processo de ensino e de aprendizagem está diretamente ligado a esse ciclo, que também atua na construção da autonomia e da criticidade dos alunos. Esse senso crítico deve ser estimulado para que os alunos possam buscar a essência das TIC que lhes são passadas e então atuar como cidadãos críticos ativos na sociedade.

As TIC estão cada vez mais presentes no cotidiano escolar, seja pela inserção de lousas digitais, das diversas mídias ou ainda pelos equipamentos. Os alunos do século XXI possuem uma nova identidade, os mesmos já têm habilidades quanto ao uso das TIC, mesmo que para entretenimento; o maior desafio dos docentes é, pois, ofertar aos discentes um direcionamento pedagógico, que possibilite um maior aprofundamento dessas novas tecnologias no processo de ensino e de aprendizagem.

As TIC vêm assumindo um papel significativo no ambiente educacional, auxiliando os alunos a uma melhor assimilação e socialização de conteúdos. Segundo Kenski (2007), “educação e tecnologias são indissociáveis”, e, quando bem utilizadas, provocam alterações dos comportamentos de professores e de alunos, levando assim ao êxito da prática pedagógica. As TIC empregadas com um bom direcionamento possibilitarão não somente aos alunos da atualidade, mas também das próximas gerações, maior expressividade com as práticas aplicadas, maior criticidade no que diz respeito às mídias digitais e permitirá ainda um maior domínio e interesse nas aulas.

Ademais, as TIC criaram um novo paradigma social, chamado de sociedade da informação ou sociedade em rede (CASTELLS, 2003), sociedade do conhecimento (HARGREAVES, 2003) ou sociedade da aprendizagem (POZO, 2004). Nessa nova sociedade, as informações são intensas e rápidas: uma sociedade sem território, sem fronteiras, onde não há barreira de tempo e de espaço para as pessoas se comunicarem. Tudo isso ocasionou novas maneiras de aprender, em que a escola deixa de ser o local principal e exclusivo para a construção do conhecimento dos alunos.

⁴ Kuhn (2010) acredita que as mudanças ocorrem de tempo em tempo e o progresso acontece mediante saltos. Dessa forma, as crises instalam-se e com elas chega uma revolução científica, porém o momento anterior à revolução é um período caracterizado pelo desacordo e pela discussão de fundamentos. Vê uma grande importância dos paradigmas, já que são esses que vão determinar os padrões de conhecimento e que coordenam e dirigem a forma das pessoas trabalharem. Assim, a revolução científica é um período de mudança de paradigmas e com ela muda-se a forma de olhar o mundo.

⁵ Neste estudo utilizamos novas tecnologias para fazer referência, principalmente, conforme MASETTO (2010), ao uso da informática, do computador, da Internet, da hipermídia, multimídia no contexto escolar.

Com o desenvolvimento das novas tecnologias, surgiu uma geração interativa formada por alunos que compartilham um grau relevante de aprimoramento das TIC. O acesso à internet, celulares, redes sociais ocasionou oportunidades e mudanças para o ensino; em função disso, muitas escolas adotaram as novas tecnologias para melhorar o aprendizado dos seus discentes. Esse novo aluno, categorizado por Prensky (2005), Estefenon e Eisenstein (2008), Veen e Vrakking (2009), Trilling e Fadel (2010) com termos diversos como “Nativos Digitais”, “Homo Zappiens”, “Geração Instantânea”, “Geração da Rede”, “Cibergeração”, “Geração Y, Z...” ou, “Geração Digital” estão crescendo na rede e assumem comportamentos que se projetam diretamente no uso da língua, como: imediatismo interacional, tolerância ao diferente e autonomia na aprendizagem.

Os termos nativos digitais e imigrantes digitais foram criados por Prensky (2005). Aqueles nascidos depois de 1980, quando iniciava o domínio das tecnologias digitais são chamados nativos digitais. Possuem acesso e habilidades para lidar com as novas tecnologias. Cada vez mais precocemente os jovens e crianças dominam as TIC, desse modo eles interagem através de uma cultura comum e de um modo bem diferente dos tempos passados.

Essa nova geração de nativos digitais possui uma identidade virtual, pois passam a maior parte do tempo conectados através das redes sociais, blogs, jogos online, em meio às inovações tecnológicas. Nesses espaços, socializam, expressam-se criativamente e compartilham ideias e novidades. Desse modo, muitos nativos digitais não distinguem o online do offline e, diante dessa realidade virtual, aparecem as preocupações, em especial dos pais e professores, referentes à segurança e à privacidade dos nativos no ciberespaço.

Entre os pais e professores que buscam aprender a lidar com esses novos desafios impostos pela transformação na era digital, localizamos muitos “colonizadores digitais” e “imigrantes digitais”. Os autores Palfrey e Gasser (2011) caracterizam os colonizadores digitais como pessoas mais velhas, que estão inseridos na era digital, mas cresceram em um mundo analógico e vêm contribuindo para a evolução tecnológica, continuam conectados e sofisticados no uso das tecnologias, porém baseados nas formas tradicionais e analógicas da interação. Os imigrantes digitais são definidos por Palfrey e Gasser (2011) como menos familiarizados com o ambiente digital, os quais aprenderam ao longo da vida a utilizar as tecnologias como e-mails e redes sociais.

Tori (2010), ao descrever o posicionamento de Prensky (2005) sobre nativos e imigrantes digitais, relata que os estudantes, nativos digitais, são ensinados por professores imigrantes, os quais advêm de uma cultura pré-internet e muitas vezes não valorizam ou trabalham as características dos nativos. A mente dos “nativos” se desenvolveu de forma diferente em relação às gerações pré-internet. Eles gostam de jogos, estão acostumados a absorver (e descartar) grande quantidade de informações, a fazer atividades em paralelo, precisam de motivação e recompensas frequentes, gostam de trabalhar em rede e de forma não-linear (TORI, 2010). Trabalhar com os criativos nativos digitais, de modo a prender sua atenção na construção do conhecimento de maneira significativa, em meio a tantas inovações e informações que a era digital proporciona, é um desafio para o professor que muitas vezes não domina essas tecnologias.

Adaptar-se às novas e complexas demandas educacionais originárias das novas tecnologias exige do professor inovação. Segundo Guerreiro (2006, p. 99) “inovação é a capacidade de ver de outro modo, com outro olhar, o objeto já observado e descrito por muitos”, que exige criatividade e mudança de paradigmas no processo de formação e de trabalho do professor. A presença da tecnologia na sala de aula não é garantia de aprendizagem.

É necessário planejamento e intervenções em cada momento do processo de ensino. Não adianta haver tablets disponíveis aos alunos se não forem proporcionados momentos de reflexões sobre leitura e escrita. As TIC devem possibilitar que os aprendizes produzam informação para atuar como sujeitos ativos, produtores do conhecimento.

Diante dessas novas formas de aprender, é necessário que a Escola faça o aluno compreender que a internet, por ser uma mídia que tem como eixo central a liberdade de expressão, é um espaço democrático, onde se pode e se deve empregar a língua de modo livre e moldada ao gênero que se precisa utilizar nas diversas ocasiões de navegação. Nesse sentido, destaca-se a relevância de refletir sobre as TIC, principalmente no contexto escolar, visto que a escola é responsável por proporcionar práticas que estimulem a criatividade e o senso crítico dos alunos e isso pode ser contemplado com o uso eficaz das TIC no processo de ensino e aprendizagem.

A principal dificuldade para transformar os contextos de ensino com a incorporação das TIC parece se encontrar no fato de que o ensino dominante na escola ser centrado no professor. O ensino dito tradicional, definido aqui como aquele onde o docente transmite a informação, numa participação ativa, e o aluno a recebe, numa participação passiva ainda predomina na educação.

Na realidade, o ensino tradicional alcançou, ao longo dos anos, o objetivo de educar os indivíduos, isso pode ser comprovado pelos avanços científicos e sociais que foram alcançados. Nas últimas décadas, o cenário educativo vem mudando, seguindo a trajetória da mudança da sociedade industrial para a sociedade da informação ou sociedade do conhecimento, também denominada sociedade em rede (CASTELLS, 1999, pp. 67-118). A escola acaba refletindo com o devido tempo as mudanças ocorridas na sociedade em que ela está inserida. Um dos principais obstáculos para desenvolver o potencial educativo das TIC são a organização e a cultura tradicionais da escola.

Rampton (2006), ao pesquisar a interação de alunos em uma sala de aula em uma escola urbana de Londres, observou que há uma nova ordem comunicativa nesse ambiente, que foge ao que é considerado adequado nos padrões tradicionais de ensino. O autor argumenta que os alunos criados nesta era digital têm a capacidade de fazer muitas coisas ao mesmo tempo, e que a aparente dispersão constitui uma maneira diferente de participar – chamada pelo autor de “participação exuberante” - do processo de ensino e de interagir com professores e com colegas. Com base em tudo que foi exposto até aqui, argumentamos nesse sentido de desenvolver novas formas de participação no ambiente escolar, a partir das novas tecnologias.

Passaremos, a seguir, a delinear o contexto teórico-metodológico da pesquisa, para então passarmos à análise/interpretação e discussão dos dados gerados.

2 Contexto teórico-metodológico

Utilizamos, para a geração de dados, um grupo focal, o que possibilitou obter dos participantes narrativas sobre o tema de interesse desta pesquisa. Conforme ressaltam Bastos e Biar (2015, p. 99), entende-se a narrativa “como o discurso construído na ação de se contar histórias em contextos cotidianos ou institucionais, em situações ditas espontâneas ou em situações de entrevista para pesquisa social”. No caso específico deste estudo, o grupo focal teve por objetivo produzir sentidos relevantes sobre o uso das TIC para um grupo de alunos do Ensino Médio. A base do grupo focal está na interação que ocorre entre os participantes, a qual

se dá durante a discussão de um tema de interesse do investigador. O grupo focal, portanto, faz uso da interação grupal para produzir dados e apreender fatos que poderiam ser menos acessíveis sem a interação encontrada no grupo. (BENDER E EWBank, 1994; MORGAN, 1988)

Bender e Ewbank (1994) apontam duas possibilidades sobre a seleção dos participantes no grupo focal: podem ser selecionados tanto por meio de estratégias aleatórias como por meio de estratégias de conveniência. Os participantes deste estudo foram selecionados por meio de estratégia de conveniência. Foram dez alunos: sete meninas e três meninos, de faixa etária de 16 a 17 anos, alunos da última série do Ensino Médio, de uma escola particular, no município de Pelotas, Estado do Rio Grande do Sul, os quais estudavam na mesma turma desde a oitava série do Ensino Fundamental.

O convite para os alunos participarem da pesquisa ocorreu durante uma visita que uma das pesquisadoras fez à Escola. Primeiramente, houve uma conversa com a Direção e com a Coordenação Pedagógica, que autorizaram o contato com os alunos. Após, aconteceu um primeiro contato, no sentido de situá-los sobre a pesquisa e de convidá-los a participar. O grupo de alunos que faz parte da geração de dados manifestou interesse imediatamente; no mesmo momento do convite foi agendada a conversa, que ocorreu algum tempo depois⁶.

O critério utilizado para a escolha dos participantes justifica-se por estarem cursando, na época da coleta dos dados, a última série do Ensino Médio, supondo-se que os alunos nessa série têm mais experiências do que aqueles que estão nas séries anteriores. Outro critério para escolha dos alunos foi a familiarização com as TIC. A cultura dos participantes desta pesquisa como usuários das redes sociais e de sites de busca está muito presente no contexto extraescolar; seus hábitos revelam a prática de utilizar a comunicação informatizada como entretenimento e como informação.

A conversa com os alunos ocorreu na casa de umas das participantes do grupo⁷. No início do grupo, houve um agradecimento por estarem colaborando com a pesquisa; foi apresentada a ideia da conversa, o porquê de estarem ali, e foi pedido que todos falassem e manifestassem sua opinião. Os participantes estavam receptivos e curiosos para saber sobre o que seriam questionados. Embora houvesse um roteiro pré-estabelecido, foi respeitado o fluxo natural da discussão, deixando que questões não contempladas no roteiro, mas relevantes para a discussão, fossem tratadas e discutidas pelos participantes. O roteiro utilizado no encontro foi desenvolvido em função dos objetivos deste estudo, e as questões elaboradas para atingir os objetivos propostos incluíam perguntas relacionadas a aprendizagem, escola, professor, computadores, internet, leitura, redes sociais. O roteiro elaborado serviu como um guia para a discussão, havendo flexibilidade para incorporar questões de interesse para o estudo, trazidas pelos participantes, mas que não haviam sido contempladas no referido documento.

Isso posto, é necessário sublinhar que os significados sociais são um processo de construção ativa que ocorre na interação (MOITA LOPES, 2006). Considera-se então que “todo texto é significativo”, o que nos leva a resgatar o conceito de enunciado

⁶ É importante destacar que todos os alunos participantes da pesquisa foram informados previamente sobre a natureza e finalidade do trabalho como prevê Creswell (1998), autorizando o uso das informações, através de um Termo de Consentimento. Mesmo sendo informados sobre a necessidade de se manter o sigilo de seus dados, eles autorizaram o uso de seu primeiro nome. A Direção da Escola também assinou um Termo de Consentimento autorizando a realização da pesquisa.

⁷ O encontro ocorreu em um sábado à tardinha e durou 3h52. A conversa foi gravada e posteriormente transcrita.

(BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004), unidade real da comunicação discursiva, que está situado sócio-historicamente e que é delimitado pela alternância de sujeitos do discurso (sujeitos que podem ser o autor e o leitor); essa unidade real, que é concreta e única, relaciona-se com enunciados alheios (que podem ser os proferidos pelo professor ou pelos colegas ou também os que os alunos já conhecem, pelo fato de fazerem parte de seus conhecimentos prévios); sendo pleno de significação, possibilita uma réplica, isto é, no processo de compreensão, corresponde-se a uma série de palavras do aluno a cada elemento da enunciação (linguístico e extralinguístico), de modo que, quanto mais relações forem feitas, mais profunda e real será a compreensão sobre a qual se formará uma apreciação. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004, p. 132)

Assim, no grupo focal, o aluno torna-se sujeito dessa comunicação, compreendendo o que foi enunciado pelos colegas e elaborando um enunciado próprio com sua apreciação valorativa (concordando, discordando, criticando), que será sua réplica ativa. Não se trata de uma simples opinião (“eu acho que...”), mas de perceber como aprendem, que meios influem sua aprendizagem e como as TIC estão presentes nesse processo de ensino e aprendizagem.

Segundo Bakhtin, a palavra se dirige a um interlocutor. Para compreender a palavra, é necessário compreender a quem ela se dirige. Se por um lado o pesquisador, ao definir o perfil dos sujeitos, escolhe a quem sua palavra se dirigirá no decorrer do processo da pesquisa, por outro, os sujeitos, ao aderirem à pesquisa, também escolhem o pesquisador como um outro a quem dirigirão sua palavra.

Passaremos, agora, a ouvir as vozes dos alunos em questão. Para este artigo foram utilizados somente alguns excertos das narrativas.

3 As vozes dos alunos do Ensino Médio

Destacamos, a seguir, alguns tópicos que emergiram nas narrativas dos alunos. Um primeiro tópico que surgiu e que merece ser destacado, diz respeito ao fato de que os sujeitos desta pesquisa deixam claro que a escola, sobretudo a de elite, hoje, no Brasil, tem a preocupação e o objetivo maior de aprovar o aluno em alguma prova ou processo seletivo, sem necessariamente se preocupar com o todo do processo de ensino:

João: *A escola no momento, no Brasil, a ideia da escola pelo menos das escolas de elite é basicamente te aprovar, aprovar num teste ponto...*

João: *...mas a escola deveria orientar as pessoas para uma carreira, para um modo de vida que é mais adequado é o que acontece nos países desenvolvidos.*

Bira: *É ajudar na tua escolha.*

Valentina: *O que, que a gente estuda esse ano? A gente estuda o que vai cair no PAVE⁸, o que*

⁸ O Programa de Avaliação da Vida Escolar (PAVE) é um programa desenvolvido pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), que tem por objetivo avaliar estudantes do ensino médio durante os três anos, a fim de que possam, posteriormente, ingressar na Universidade. Segundo consta no site do Programa, o objetivo é “selecionar os futuros estudantes universitários de modo gradual e sistemático, não como o produto de um único exame seletivo episódico, mas como a culminância de um processo que se desenvolve ao longo do Ensino Médio”. (<http://wp.ufpel.edu.br/pave/objetivos/>)

vai cair no ENEM, por quê? Porque é o conteúdo programático, mas será que é isso que eu quero?

Cássia: É que a escola no Brasil tá muito presa ao vestibular e não na carreira que as pessoas vão seguir depois, porque o governo federal quer números, quer várias pessoas na Universidade, se são pessoas felizes e realizadas aí já é outra história.

Bira: O formato da educação brasileira não é nem escola, é toda educação brasileira, é extremamente arcaico.

Tiago: O problema é o método, ele é programático a gente vai fazer, a gente aprende para provas e por causa disso não tem espaço para curiosidades.

João: Lamentavelmente.

Cássia: Poderia ensinar muito mais coisas, curiosidades, cultura geral, arte e tal, mas tu não pode porque tu tem que vencer o conteúdo que tá ali.

Tiago: Torna um negócio interessante, o aluno acaba aprendendo isso, para o resto da vida dele...

A escola descrita pelos alunos segue focando a avaliação nos resultados mostrados, por meio de provas padronizadas e exames de vestibular afastadas dos contextos de ensino. No momento em que diferentes setores da sociedade valorizam a criatividade, a escola ainda fomenta a homogeneidade. As atividades escolares não são integradas de maneira a ajudar os alunos na escolha profissional; considera-se, apesar disso, fundamental que as escolas cumpram com sua própria função de educar os alunos de maneira adequada ao concluírem o Ensino Médio.

O ensino brasileiro é focado para preparação ao acesso à universidade e não para a vida ou o curso superior em si, conforme relatam os alunos. Segundo foi explicitado, eles almejam uma escola que seja um ambiente de aprendizado de processos de percepção, interação, compreensão e de intervenção no mundo. Para os alunos, é papel da escola prepará-los para serem cidadãos competentes. O sistema educacional é arcaico para os sujeitos, em função de que a escola está presa à aprovação em números, a treinar pessoas em sala de aula, por meio de provas, usando conhecimento do passado para um mundo lá fora que está mudando de forma tal que os alunos querem conhecer.

Outro tópico levantado pelos alunos é que, para a Escola, as TIC não estão relacionadas com a aprendizagem. Um dos principais obstáculos para desenvolver o potencial educativo das TIC são a organização e a cultura tradicionais da escola. As TIC são usadas muitas vezes para reforçar as crenças existentes sobre os ambientes de ensino, em que ensinar é explicar, aprender é escutar e o conhecimento é o que contém os livros-texto (CUBAN, 1993):

Érica: A escola tem, eu acho que a escola tem a visão ainda que a gente só usa a internet do celular, do tablet, pra diversão nossa e não para aprender como eu já tinha dito antes porque até porque a escola, se diz muito tecnológico, restando que faz um tempo já que foi na oitava, primeiro ano eles falavam para gente levar computador para utilizar no colégio só que nunca foi realizado isso de fato e hoje em dia com tablet, com os iphones, com qualquer tipo de smartphone tu tem muito mais, tu é muito mais fácil, tu utiliza a tecnologia em aula do que naquela época que eles queriam utilizar notebooks.

Cássia: Só que mesmo se dizendo muito tecnológico, aparece celular em aula, já te mandam guardar...

Cássia: *Mas, a própria escola promove essa visão de que a tecnologia é só pra diversão e tal, porque tipo, a maioria das aulas que eles lá na X⁹, nas coisa assim, é sempre para ser aula divertida diferente e tal e fica aquela bagunça ninguém presta atenção em nada, tipo todo mundo...*

Érica: *Mas todo mundo vai pro Facebook, para qualquer tipo de outra.*

Andressa: *... é.*

Carol: *Mas a filosofia ali quando tu fala antes, a filosofia do colégio é sim, tu leva o teu notebook, tu leva o teu tablet, o que tu tiver, mas eles acreditam que tu deve usar isso nos intervalos que no momento que o professor tá explicando, ele esteja usando a internet ou tecnologia ou o que for, ou não aquele é o momento de tu te prender a ele e não ao teu próprio acessório, então eles promovem sim que tu leves as tuas coisas, mas que tu use em horário específico, tanto que para nós do terceiro é uma rede específica de internet do terceiro, então tu pode, tem acesso livre nos intervalos, como recreio, almoço só nesses espaços para uso.*

Cássia: *Parece que o colégio vê mais como uma propaganda somos um colégio tecnológico do que como, como realmente um acessório que vai fazer diferença.*

Andressa: *Porque a escola pensa que só usa a internet para jogar.*

Fred: *Realmente, na mente deles nós vamos usar a internet pra se divertir não vai ser pra aula.*

Para os estudantes, a Escola ainda mantém uma estrutura rígida que não assimila a presença das TIC no processo de ensino e de aprendizagem. Isso mostra que a Escola ainda está presa ao passado, na aula centrada no professor, não proporcionado espaços para os alunos utilizarem seus laptops, computadores, celulares no ambiente escolar. Desse modo, a Escola não está sendo um espaço da inclusão digital e social dos seus alunos. Eles explicitam que a Escola não os deixa utilizar os recursos tecnológicos em sala de aula, e isso demonstra como a Escola não tem consciência das potencialidades das TIC não só no que elas podem trazer de melhoria ao ensino, mas também para sua utilização em prol da formação dos alunos.

A escola onde os participantes estudam tem acesso à internet e a computadores, contudo não os utilizam na prática de sala de aula, ou, conforme relatado pelos alunos, os professores têm dificuldade em modificar suas práticas e suas expectativas sobre os alunos. As TIC são usadas, na sala de aula, para reforçar as crenças existentes sobre o contexto escolar em que ensinar é explicar, aprender é escutar e o conhecimento é centrado na figura exclusiva do professor.

A grande questão que se coloca diante desse novo cenário escolar diz respeito à capacidade de lidar com essa diversidade de informações e de tecnologias. Muitas são as escolas equipadas com computadores, DVDs e acesso à Internet, mas a presença dos aparatos tecnológicos na sala de aula não garante mudanças na forma de ensinar e de aprender. O desafio imposto à escola implica muitas mudanças: estruturais, organizacionais, curriculares, metodológicas e ideológicas.

O uso das TIC requer tempo para a realização de atividades que priorizem a criação de novos métodos, como a pesquisa e a leitura. Os laboratórios de informática, por exemplo, são os espaços criados dentro da escola que têm por objetivo aproximar os conteúdos dos

⁹ A fim de preservar o sigilo e de não tornar possível a identificação da Escola, será utilizado X para se referir ao Laboratório de Informática da instituição de ensino.

estudantes de maneira interativa, integrando recursos tecnológicos à prática pedagógica, mostrando-lhes que o computador, aliado à internet, pode introduzir mais realidade à disciplina, antes vista apenas nos livros didáticos e no quadro-negro.

Os alunos deixam claro que a escola dispõe de laboratórios de informática para serem utilizados pedagogicamente pelos professores. No entanto, fica explicitado que o problema de não utilizar o computador não está na falta de equipamentos, mas em professores que busquem atender seus alunos no ambiente informatizado.

Outro aspecto ressaltado pelos estudantes se refere à questão da utilização das TIC na sala de aula pelo professor: muitos professores parecem ainda persistir em adotar paradigmas pedagógicos tradicionais no desenvolvimento de suas práticas, como é destacado no excerto a seguir:

João: Outra questão, as escolas a maioria, eu acredito que elas usem errado, em determinados momentos a tecnologia, por exemplo, quando nós vamos X para vê algo, o que acontece? Muitas vezes, pouca vezes que nós fomos X era ou para fazer exercícios...

Cássia: É um laboratório X.

Carol: É um laboratório.

João: ... ou foi para fazer exercícios que poderiam perfeitamente ser feitos em aula com o lápis, ou simplesmente para assistir uma apresentação que já está sendo mostrada, poderia se mostrada perfeitamente na sala de aula, poderiam ser feitas de forma diferente, por exemplo, algo que, por exemplo, entrasse no site, procurasse coisas, fosse algo mais abrangente, não uma coisa restrita, porque nós temos que utilizar a tecnologia de forma até restrita (...).

Carol: E até mesmo na hora de se programar para passar para o aluno, porque muitos professores às vezes não têm o domínio, às vezes acaba, como é que chama poluição de data show, aquelas coisa.

Fred: ... e esse sistema prosaico ele te torna, a aula maçante, a aula acaba se tornando dispersiva, por quê? Porque basicamente tu tem que tá lá, o professor dita alguma coisa tu proscreeve, copia e deu e teoricamente seria essa a ideia por mais que isso esteja mudando, a ideia era essa, mas, quando tu tem uma tecnologia, muda a circunstância.

João: Uma coisa importante, mas tem que se bem feita, não adianta dizer que tem tecnologia e adota ela de um modo tradicional, que basicamente é agora, é só passa para o computador o que tu vê numa aula arcaica.

Os alunos deixam claro que as TIC ainda são utilizadas como um mero suporte para o ensino tradicional - computadores que são suporte do livro didático ou empregados como caderno de exercícios, livro que se parece com o livro tradicional do papel, mas num formato eletrônico. É interessante que as escolas não integrem de maneira indiscriminada as TIC às suas instituições de ensino, mas que antes compreendam melhor como, quando e por que as TIC podem contribuir no aprendizado dos alunos.

As escolas estão recebendo os alunos da geração internet, ou nativos digitais. Eles encontram na sala de aula, na maioria das vezes, o professor imigrante digital. Embora a sala de aula tradicional possa ensejar um diálogo bidirecional entre professor e aluno, com possíveis

inversões de papel no processo de comunicação, normalmente cabe ao professor o poder do início e no término da interação. Normalmente, o processo da linguagem estabelecido em sala de aula é um processo unidirecional. No entanto, com a proliferação das TIC e da formação da sociedade em rede, é interessante refletir qual a visão que os alunos têm da inserção dessas novas tecnologias no contexto escolar e como ocorre o diálogo entre o professor imigrante digital e o aluno nativo digital. Aparentemente, muitos desses professores não estão preparados para atuarem no contexto das tecnologias e para dialogarem com os alunos digitais na linguagem que estes últimos aprenderam fora do ambiente escolar, conforme relatado pelos sujeitos desta pesquisa.

Como apontam autores como Rampton (2004), Amaral e Frank (2009) e Lange (2010), é necessário se partir dos novos arranjos presentes na sala de aula, arranjos esses muito mais horizontais, em que professores e alunos utilizem as novas tecnologias e a nova ordem comunicativa como um fator de interação e de consequente produção de conhecimento. Conforme argumentam Amaral e Frank (2009) e Lange (2010), nessa nova ordem comunicativa, permeada pelas novas tecnologias, a aparente dispersão dos alunos muitas vezes significa novos modos de lidar com o conhecimento. Parece que os professores e a escola ainda não compreenderam as regras sociais estabelecidas nesse ambiente digital de aprendizagem

Outro ponto que merece discussão é o conhecimento inicial dos professores com relação à tecnologia. O uso das TIC, para fins didático-pedagógicos, requer amplo conhecimento por parte de seus usuários, neste caso os professores. Do contrário, poderão se tornar um verdadeiro obstáculo à prática docente, levando a consequências bastante negativas tanto para quem ensina quanto para quem aprende. O professor, ao fazer uso das diversas tecnologias existentes, deve se apropriar delas, numa atitude bastante consciente e coerente com os objetivos a serem atingidos. Os alunos, por outro lado, devem buscar, no meio virtual e nas TIC, outras possibilidades de interação e promoção do conhecimento, de maneira autônoma, dinâmica e prazerosa.

Embora o uso das TIC no processo de ensino e de aprendizagem seja de grande valia tanto para professores quanto para alunos, a intencionalidade pedagógica ou, segundo Demo (2009, p. 37), o “desafio formativo”, é determinante para a promoção da aprendizagem. Em outras palavras, as ferramentas da Web 2.0 são recursos importantes e cada vez mais necessários para o desenvolvimento da autonomia, motivação e dinamicidade durante a aprendizagem de línguas, mas não são, sob hipótese alguma, garantia de aprendizagem. Cabe ao professor, portanto, utilizar esses recursos de forma adequada, considerando principalmente o contexto onde atua e os objetivos mais imediatos dos aprendizes que ensina.

Nesse cenário, o professor necessita saber como usar pedagogicamente as TIC, além de saber o quê e o porquê usar tais recursos. A interação demanda por parte do professor ações reflexivas e investigativas sobre o seu papel, criando condições que favoreçam o processo de construção do conhecimento dos alunos. O professor deve propiciar que as informações que circulam nas mídias sejam ressignificadas e com possibilidade de serem aplicadas em outras situações de aprendizagem.

Os alunos almejam uma escola que considere novos meios de aprender, conforme explicita a participante Carol:

Carol: (...) acho que na escola tem que ter um melhoramento nessa parte da tecnologia e tudo mais os professores disponibilizar, saber direcionar para ti usar as coisinhas certinho, para usar

pelo caminho certo, não para, como até disseram que muita gente usa na sala de aula só para se divertir na apresentação, não tem que fazer, direcionar o aluno usar aquilo a favor do ensino dele para que ele se desenvolva, desenvolva o conhecimento dele com aquela tecnologia, sabe.

Fica evidenciado na fala da aluna que ela almeja uma escola que considere novos meios de aprender e inclua a reflexão acerca das suas habilidades de “zapear” entre diversas mídias, ao mesmo tempo em que comenta, opina, discute e argumenta sobre os conteúdos que estão estudando. A escola deveria oferecer um espaço para que isso ocorresse. No entanto, o cenário dentro da Escola mostra outra realidade.

A falta de preparação dos professores e também da Escola para entenderem e trabalharem nesse cenário resulta em obstáculos para utilização de materiais educacionais digitais nas atividades do ensino desses alunos. O problema para a educação não seria só fornecer acesso às novas tecnologias, mas como aprender a selecioná-las, interpretá-las, classificá-las e usá-las.

4 Fechando o percurso

Como foi discutido aqui, as TIC têm penetrado no espaço escolar da rede particular de ensino tanto por intermédio dos alunos com seus celulares de última geração, computadores portáteis e tablets diversos como por investimentos de equipamentos pelas escolas (computadores, lousas digitais). Também se intensificou a entrada desses recursos na escola pública, pois, em decorrência de Programas Federais (PROINFO, UCA, TV Escola, Mídias na Educação) que seguem orientações de políticas públicas, equipamentos estão sendo disponibilizados para essas redes de ensino. Nesse contexto, quando ações e conceitos da cultura são alterados de forma tão maciça, como tem acontecido em decorrência do advento da internet, os sentidos que atribuímos àquilo que nos cerca não seguem incólumes. Novas demandas sociais acabam por desencadear a produção de novos sentidos nos sujeitos, e foi partindo desse pressuposto que se fundou este trabalho. Ele se ocupou de investigar os sentidos do discurso de um grupo de alunos relativos à inserção das TIC no processo de ensino e de aprendizagem.

Mais precisamente, este artigo buscou refletir como um grupo de alunos do último ano do Ensino Médio, da rede particular de ensino, observava a presença das TIC no contexto escolar, sobretudo na sala de aula. Ao tentar dar conta disso, com base nas narrativas dos alunos, podemos elencar algumas considerações, à guisa de conclusão: segundo os alunos, pode-se perceber que as TIC estão relacionadas à busca e ao processamento de informação e menos com o aprendizado. Os usos relacionados à comunicação e à colaboração são praticamente inexistentes. As TIC são utilizadas pelos alunos como tecnologias da informação muito mais que como tecnologias da comunicação. Dessa maneira, o uso mais frequente das TIC pelos alunos está situado na busca de informação na internet, por meio de sites de busca. O uso menos frequente é a utilização de redes sociais com o propósito de trabalhar com a comunicação em rede.

Chamou-nos atenção o fato de os participantes almejarem uma escola que considere novos meios de aprendizagem, e isso significa envolver o aluno no processo de ensino e de aprendizagem das TIC. Os alunos deixam claro que a escola deveria utilizar o que se dispõe

como laboratório de informática a favor do aprendizado, de maneira atrativa e não como uma transposição do quadro-negro, do giz e do livro didático.

A inserção das TIC no processo de ensino e de aprendizagem requer que as escolas e os professores revejam suas posturas educacionais e não simplesmente incorporem às salas lousas digitais. Além disso, é preciso ter o mínimo de conhecimento e uma metodologia adequada que valorize os aspectos pedagógicos e educacionais, os quais devem estar ancorados em uma teoria do conhecimento, preocupada com o processo de ensino e aprendizagem interativo. Portanto, fica claro que não basta apenas ter o laboratório de informática na escola, mas é preciso sim que os professores estejam capacitados para utilizarem esse laboratório e trabalharem com os alunos.

Há a necessidade de políticas mais democráticas na Escola, que busquem trabalhar com a tecnologia trazida pelos alunos para sala de aula (celulares, laptops, notebooks), desenvolvendo estudos mais dinâmicos, buscando trabalhar o lado reflexivo e crítico do educando. Isso requer, como argumentado no início, que se leve em conta também essa nova ordem de comunicação em sala de aula, que leve consideração a novas maneiras de participação dos alunos – “participação exuberante” (RAMPTON, 2006). Dessa forma, trabalhar em conjunto (equipe pedagógica, professores e alunos) torna-se fundamental para o desenvolvimento de políticas mais conscientizadoras, que possam agregar a tecnologia que o aluno traz para a sala de aula à metodologia e ao conteúdo aplicado e planejado pelo docente, dinamizando os recursos que os discentes possuem.

Referências

- AMARAL, D.; FRANK, I. Novos Arranjos. *Revista Educação*, 144, abr/2009, pp. 56-59.
- BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 11ª Ed. São Paulo: Hucitec, 2004 [1929].
- BASTOS, L. C.; BIAR, L. A. Análise de narrativa e prática de entendimento da vida social. *D.E.L.T.A.*, 31 – especial, 2015, pp. 97-126
- BAUER, M. W; GASKELL, G. (orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BENDER, D. E.; EWBANK, D. The focus group as a tool for health research: issues in design and analysis. *Health Transition Review*, v.4, n.1, pp. 63-73, 1994.
- CASTELLS, M. *A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- CASTELLS, M.. *A era da informação: economia, sociedade e cultura*. 6ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CRESWELL, J. W. *Qualitative inquiry and research design: choosing among five traditions*. Thousand Oaks, California: Sage Publications, 1998.
- CUBAN, L. *How teachers taught: constancy and change in American classrooms, 1890-1990*. Nova Iorque: Teachers College Press, 1993.
- DEMO, P. *Educação hoje: “novas” tecnologias, pressões e oportunidades*. São Paulo: Atlas, 2009.
- ESTEFENON, S. G. B.; EISENSTEIN, E. *Geração digital: riscos e benefícios das novas tecnologias*

para as crianças e adolescentes. Rio de Janeiro: Vieira e Lent, 2008.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*. 18ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

GUERREIRO, E. P. *Cidade digital: infoinclusão social e tecnologia em rede*. São Paulo: Editora Senac São Paulo: 2006.

HARGREAVES, A. *O Ensino na sociedade do conhecimento: a educação na era da insegurança*. Coleção Currículo, Políticas e Práticas. Porto: Porto Editora, 2003.

JOSSO, M-C. *Experiências de vida e formação*. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010

KENSKI, V. M. *Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação*. 4ª Ed. Campinas: Papirus, 2007.

KUHN, T. S. *A estrutura das revoluções científicas*. 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

LANGE, C. P. A sala de aula contemporânea. *Belt Journal*. Porto Alegre, v. 01, n. 01, jul/dez 2010, pp. 99-105.

MASETTO, M. T. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia. In: MORAN, J. M.; MASETTO, M.; RHRENS, M. A. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 13ª Ed. Campinas: Papirus, 2010.

MOITA LOPES, L. P. *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

MORGAN, D. L. *Focus groups as qualitative research*. Newbury Park, California: Sage, 1988.

MORIN, E. *Cultura e barbárie européias*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

O'REILLY, T. (2005) *What is Web 2.0? Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software*. Disponível em: <http://oreilly.com/pub/a/oreilly/tim/news/2005/09/30/what-is-web-20.html>. Acesso em 18 set. 2020.

PALFREY, J.; GASSER, U. *Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração dos nativos digitais*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

POZO, J. I. A sociedade da aprendizagem e o desafio de converter informação em conhecimento. In: *Revista Pátio*. Ano 8, n. 31 - Educação ao Longo da Vida, ago/out, 2004. Disponível em: <http://www.revistapatio.com.br/sumario_conteudo.aspx?id=386> Acesso em 08 dez 2020.

PRENSKY, M. Escute os nativos. *Liderança educacional*, v. 63, n. 4, pp. 8-13, dez. 2005.

RAMPTON, B. *Language in Late Modernity. Interaction in an urban school*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

SIBILIA, P. *Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

TORI, R. *Educação sem distância: as tecnologias interativas na redução de distância em ensino e aprendizagem*. São Paulo: Editora Senac SP, 2010.

TRILLING, B.; FADEL, C. *21st Century skills: Learning for life in our times*. San Francisco: John Wiley & Sons, 2010.

VEEN, W.; VRAKING, B. *Homo Zappiens: educando na era digital*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

Recebido em: 28/02/2021

Aceito em: 29/03/2021